

## O 18 BRUMÁRIO À BRASILEIRA

Reynaldo F. L. de Mello<sup>a\*</sup>

COGGIOLA, Osvaldo. *O governo Lula: da esperança à realidade*. São Paulo, Xamã, 2004.

A leitura do livro de Coggiola suscita, logo de início, em seu título, uma analogia, mesmo que efêmera, com o Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Preste. Seria Lula o “novo cavaleiro da esperança” e toda a sua história de vida, até os dias atuais, uma grande coluna, a grande marcha dos oprimidos, dos trabalhadores, dos operários, dos sem-terra, enfim, de todos aqueles que são, de uma forma ou de outra, espoliados pelo capital?

O resgate desse imaginário, “aquele que traz a redenção”, foi devidamente explorado pela mídia e pelo *marketing* político do então candidato Lula; e não sem razão, pois muitos brasileiros tinham tal esperança – o mito do salvador e da conseqüente salvação é recorrente na história humana em diversas épocas e em diversos contextos.

Embora Coggiola não faça referência explícita a essa imagem, podemos depreendê-la como lícita em sua análise pujante do primeiro ano de governo do Sr. Lula.

Hoje, passado um ano e alguns meses, o Sr. Lula continua sendo uma personalidade marcante, como podemos depreender das colocações feitas por Coggiola ao longo de todo o seu livro; entretanto, a esperança cedeu lugar à realidade, e esta é imensamente desoladora para todos aqueles que optaram por mudanças sociais que privilegiassem não mais o capital, mas sim, e finalmente, que viessem a privilegiar o social.

Com uma escrita suave e empolgante, Coggiola vai reunindo dados e informações que fundamentam sua reflexão crítica. O autor explicita que seu objetivo é “analisar a trajetória deste primeiro ano do governo Lula e extrair lições que ajudem a recompor num patamar superior a organização política dos trabalhadores brasileiros” (1ª orelha do livro); e ao fazer isso, expande sua análise de tal modo que é difícil, na verdade irresistível, não pensarmos na organização histórica do capitalismo como um projeto de hegemonia social, política e econômica que se quer global, lançando seus tentáculos, como se fosse um “polvo gigante” e aterrorizante, por sobre todo o orbe terrestre.

A preocupação fundamental, exposta pelo autor, tem como pano de fundo a questão posta por Polanyi, de que os mercados (capitalistas) procuram regular as instituições sociais e se auto-regulam através dos mecanismos de preços (ao invés de serem regulados pelas instituições sociais): “Em vez de a economia estar embutida nas relações sociais, são as relações sociais que estão embutidas no sistema econômico”.<sup>1</sup> Eis “a mão invisível” cada vez mais se tornando visível nos dias atuais, com a implantação por todos os recônditos na vida social, da ideologia neoliberal.

É nessa configuração social que Coggiola se utiliza da categoria de luta de classes como conceito central em sua análise histórica, social, política e econômica do período em questão – o primeiro ano de governo do Sr. Lula. Claro está que sua abordagem se insere dentro do método dialético, do qual faz um uso primoroso, dada a complexidade do seu objeto de pesquisa; afinal, ele se debruça e se insere no caótico universo das relações de poder político-partidário, nos níveis micro, meso e macro, tarefa que pode se tornar ingrata; mas também extremamente enriquecedora e é o que ocorre com esse trabalho de Coggiola.

O livro está dividido em uma pequena introdução e mais doze capítulos. O interessante, e aí o porquê do título desta resenha, é que encontramos uma visão do todo em cada parte, e sempre partes novas compondo o todo em cada capítulo. É um desenvolvimento que nos remete ao *O Dezoito Brumário* de Marx.

Em sua introdução, o autor comenta sobre a ampla coligação político-partidária – uma costura política de retalhos ideológicos –, a Frente Brasil Popular, que elegeu o candidato Lula: “‘Esse matiz expressaria a tentativa de construção de uma aliança com o empresariado nacional’” (p. 14), sob o aval, também, da burguesia internacional – Coggiola deixa bem claro esse ponto ao longo de todo o seu livro.

Mas o que vem à mente do leitor é o fato de que essa aliança com a burguesia não é algo novo, muito pelo contrário, é a velha tese, de mais ou menos cinquenta anos atrás, abraçada pelo Partido Comunista Brasileiro, de que era necessária uma aliança com a burguesia nacional junto às forças progressistas, para se oporem de forma decisiva ao grande capital internacional.

Parece que o Partido dos Trabalhadores levou às últimas conseqüências essa idéia. E, com isso, o presidente Sr. Luiz Inácio Lula da Silva consegue a proeza de *avançar* cinquenta anos em direção ao *passado*.

Ainda na introdução, o autor cita Trotski, deixando entrever a delicada situação pela qual estamos passando, pois que este comenta, em seu Programa de Transição de 1938, que as frentes populares e o fascismo representam a dominação política do imperialismo burguês contra a revolução proletária; se assim for, e há dados apresentados por Coggiola ao longo do livro que embasam essa tese, estamos em “maus lençóis”.

Nos doze capítulos que se seguem, podemos adiantar e ressaltar, de forma breve, alguns pontos que chamam a atenção (tarefa hercúlea, pois não há o que não seja passível de destaque).

Assim, temos, como um dos focos do primeiro capítulo, a implantação do Estado policial-militar no mundo inteiro, como política imperialista estadunidense, ora em curso, sob a justificação de proteger a liberdade e a democracia ante o terrorismo, levando à conseqüente diminuição e provável extinção da liberdade e da democracia que querem defender (se o projeto obtiver êxito).

No segundo capítulo, o autor aborda o relacionamento do governo do Sr. Lula com o FMI, dando ênfase aos condicionamentos aceitos, que são impingidos por este àquele, favorecendo o fortalecimento da ciranda financeira no Brasil.

No terceiro capítulo, fica evidente o “estelionato eleitoral” cometido pelo atual governo (lembramos aqui de *O Dezoito Brumário*) e o risco de implosão do próprio PT não deve ser descartado.

Na seqüência, o quarto capítulo trata, prioritariamente, da questão econômica através de uma análise estrutural. Aqui, o destaque pode ser o pleito histórico da burguesia em efetivar o capitalismo com risco zero, através das parcerias público-privadas (PPPs), onde o Estado bancaria o lucro dos empreendimentos privados – creio que esse seja o paraíso com o qual toda a burguesia sonha.

No capítulo cinco, “A Reforma da Previdência”, no capítulo sete, “A Reforma Tributária”, e no capítulo 11, “As Políticas Trabalhista e Sindical”, o autor demonstra de que forma o receituário neoliberalista está sendo usado para privatizar e flexibilizar as relações sociais trabalhistas; as relações sindicais procurando a sua pulverização até o ponto de uma fábrica corresponder a um sindicato somente; as relações com os aposentados por intermédio de um teto ínfimo universal e da taxaço dos seus ganhos; e mais, qual o papel dos fundos de pensão nesse cenário privatizante. A conseqüência é o aprofundamento das desigualdades sociais, com o intuito de arrecadar mais recursos financeiros para o pagamento da dívida externa.

No sexto capítulo, temos o afloramento das contradições ideológicas, de tal modo que a autofagia do PT é sintomática do seu método de governo, que, segundo Coggiola, é a própria crise política erigida como método de governar.

Nesse momento do texto, somos levados a cenários mais amplos: política externa e blocos econômicos (cap. 8). Vemos cenários (que não é encenação) que estão já em vigor (e de modo vigoroso) e pulsam freneticamente. Penso que esse capítulo poderia ser nomeado, em paralelo, como: A Teia Global e a Viúva Negra: um projeto neocolonial via ALCA, tal é a força assustadora que aqui é mostrada.

A “Questão Agrária” é o tema do capítulo nove, e é provavelmente o “calcanhar de Aquiles” do governo Lula, em função das bandeiras de lutas históricas, nas quais a reforma agrária sempre foi um pilar das reivindicações para uma nação mais justa e para o começo do fim das desigualdades sociais no Brasil através da distribuição de terras para um maior número de pessoas. Infelizmente, o que se constata é justamente o contrário; ou seja, uma tendência (e o autor demonstra isso com dados alarmantes) à concentração da propriedade da terra em mãos, cada vez mais, de poucas pessoas e de algumas empresas nacionais e internacionais. Será que estamos caminhando para um novo tipo de organização social de capitania hereditárias?

No capítulo dez, que trata de “Educação, Ciência e Tecnologia”, é a vez de se transformar a educação em mercadoria para a iniciativa privada, buscando-se, concomitantemente, o sucateamento do ensino público em todos os níveis, para depois se utilizar dessa condição para mais privatizações (estratégia tautológica). Da mesma forma são tratadas a ciência e a tecnologia. A educação (conhecimento crítico) vem sendo trocada paulatinamente pelo adiestramento (conhecimento passivo). Não interessa uma produção científica, mas sim um domínio subserviente sobre o fazer-técnico.

Por fim, chegamos ao último capítulo, que trata da “Situação da Esquerda e do Movimento Operário”. Coggiola ressalta que, se, por um lado, a situação da esquerda no Brasil se encontra em crise devido às posturas neoliberais do PT, por outro lado, essa situação serve como instrumento de elucidação para a classe operária brasileira repensar sua estratégia de luta de classes e buscar dar um salto de qualidade em sua organização política (consciência de classe) contra a expansão do grande capital.

Eis o grande desafio que é posto à classe trabalhadora.

Pensar na condição política contemporânea como história viva, aberta e em ebulição é um desafio instigante dentro do pensamento histórico-social, nada fácil, muito pelo contrário, extremamente complexo, pois aquele que exercita tal análise é convidado a entrar também na correlação de relações que estão em processo, em andamento.

Em que pesem as críticas que possam ser levantadas a Coggiola quando ele escreveu o livro, em função da proposta de análise de um governo que estava ainda em seu início e, portanto, possibilitando a muitas vozes se levantarem e alegarem que essa empreitada era prematura, ele conseguiu de forma magistral transitar dentro desse processo político mostrando-nos os seus meandros e as suas articulações, que subsidiaram a eleição de Lula, que o manteve no governo: e mais, o que está à espreita de todos após esse quadriênio.

A notável capacidade analítica de Coggiola, que embasa essa obra, leva-nos a considerar sua proximidade com o feito de K. Marx, em sua análise histórico-política da França sob a égide de Luiz Bonaparte.<sup>2</sup> Tecnicamente, não podemos dizer que houve um

golpe de Estado, mas um golpe “virtual” na transformação do Estado que era esperada ansiosamente por todos que depositaram seus votos nas urnas elegendo o Sr. Lula.

Motivo, portanto, mais do que justo para recomendarmos a leitura da obra de Coggiola sobre o primeiro governo do Sr. Luiz Inácio Lula da Silva.

*Recebido em agosto/2006; aprovado em setembro/2006.*

### *Notas*

\* Reynaldo F. L. de Mello é graduado em Ciências Sociais (UFRJ), mestre em Sociologia (UFPR) e doutorando em História Social (FFLCH-USP).

<sup>1</sup> POLANYI, K. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Tradução de Fanny Wrobel. 7 ed. Rio de Janeiro, Campus, 2000, p. 77.

<sup>2</sup> MARX, K. *O dezoito brumário de Louis Bonaparte*. Tradução de Silvio Donizete Chagas. 3 ed. São Paulo, Centauro, 2003.